

● OBSERVATÓRIO

# Baixa do IVA não pode ser encarada como medida avulsa

- 1 A descida do IVA é uma boa notícia para as famílias portuguesas?
- 2 Acredita que haverá uma descida efectiva do preço de venda dos produtos aos consumidores?
- 3 Haveria forma mais eficaz de ajudar as famílias do que a descida do IVA?

Medida que entra em vigor no dia 18 de Abril carece de outras que apoiem mais as famílias e economias para que tenha efeito real

ANDREIA DIAS FERRO  
aferro@dnnoticias.pt

Foi publicado na passada sexta-feira o diploma do Governo da República que isenta de IVA 46 produtos alimentares e que tem entrada em vigor já esta terça-feira.

Apesar de já ter sido anunciada há algum tempo, parece que ainda não se chegou a um consenso em relação à importância desta medida. Contudo, parece existir uma questão comum à maioria das opiniões: é cru-



cial que exista um entendimento com os produtores e distribuidores para que a baixa do IVA se reflecta nos preços finais aos consumidores. De qualquer modo, parece ser já ponto assente que esta diminuição do IVA não vai ter repercussões nos restaurantes, por exemplo, que indicam ter pouca margem para tal.

A descida do IVA, por si só, não é encarada como uma medida perfeita, pelo que deve ser complementada com outras que façam mexer a economia e apoiem as famílias.

A redução das taxas nos 5.º, 6.º e 7.º escalões do IRS é uma medida defendida pelo presidente a ACIF como sendo crucial para apoiar as famílias a fazer face ao aumento do custo de vida.

Esta mesma ideia é igualmente partilhada por Paulo Pereira, presidente da delegação da Madeira da Ordem dos Economistas. O economista diz ser ainda importante fomentar a produtividade da economia, que se encontra estagnada há vários anos.

JORGE VEIGA FRANÇA - PRESIDENTE DA ACIF



1 O IVA zero em produtos do cabaz alimentar é uma medida positiva, no entanto os bens essenciais têm vindo a sofrer aumentos há já algum tempo e por isso, apesar de vir atenuar o impacto desses aumentos, não vem resolver o problema. Os preços continuarão altos para a carteira dos madeirenses e a eficácia da medida dependerá sempre de acordo bem conseguido com agricultores e distribuidores.

2 Como referi anteriormente, a descida do IVA por si só não resolve o problema. A diferença nos valores será reduzida, apesar de bem-vinda e provocando escassez, o efeito é inverso. O que esta Associação tem vindo a defender é que deverão ser acordados compromissos com os produtores e com os distribuidores para que os benefícios sejam repercutidos nos consumidores em geral. Mas por exemplo, no que diz respeito à restauração, o efeito será

praticamente nulo. A diferença nos valores é muito reduzida e os empresários deste sector terão mais trabalho e mais custos para procederem à alteração dos preços nos menus físicos e digitais.

3 O que temos defendido para atenuar os efeitos da inflação nos preços dos bens e serviços é a redução das taxas nos 5.º, 6.º e 7.º escalões de IRS. Desta forma os trabalhadores dependentes poderão sen-

tir o efeito imediato no seu rendimento disponível. No que diz respeito ao sector da restauração temos vindo a defender a redução do IVA. Até porque a medida do governo, i.e., IVA zero, não se reflecte nos restaurantes que por sua vez se vêm confrontados cada vez mais com a perda do poder de compra dos consumidores, em todos os casos em que a maioria da sua clientela seja constituída de madeirenses residentes.

PAULO PEREIRA - PRESIDENTE DA DELEGAÇÃO REGIONAL DA MADEIRA DA ORDEM DOS ECONOMISTAS



1 A descida do IVA é boa, ótima aliás, pois é menos um custo no preço final do produto, logo o custo inútil, de quem não aportou valor algum no processo que vai da concepção do desejo de semear à compra do produto na caixa da mercearia ou supermercado. O modelo desenhado é um desastre: 1) não devia ter limite de tempo e produtos; 2) não devia existir uma base de suspeição sobre a cadeia de valor (do produtor ao retalhista) de cada produto que culmina no, 3) absurdo de se terem de contratar, por centenas de milhares de euros, empresas privadas (estas já não "ganancias", ao contrário dos fornecedo-

res de produtos básicos) para "vi-giarem" ao impacto dessa descida de IVA nos preços finais;

2 É impossível saber, pois a cadeia de geração e um preço envolve infinita informação que só um burocrata de ego adeusado pode achar que ele conhece ou controla. Há uma dinâmica de milhões de factores nas interações humanas voluntárias (o "mercado") que fazem os preços variarem constantemente em todos os sentidos. Mas uma coisa é certa: impostos e burocracia só fazem preços subirem, logo, pelo menos pelo factor IVA, descerão, ou não subirão nesse percentual, é mais esse que fica na

mão dos privados (consumidores ou produtores, os que criam efectivamente "riqueza"). E quando por mérito da eficiência dos agentes privados e alterações de circunstâncias (mais chuva, etc.) os preços descerem por mais oferta disponível, naturalmente descem até mais, pois não vai estar lá os 5% do IVA. Até Dezembro...

3 A medida na essência é boa, a aplicação e espírito são muito condicionantes. Depois há a questão dela ter as limitações naturais de ser apenas sobre o IVA de 5% um reduzido cabaz de produtos escolhidos por burocratas. Ou seja, ela por si na sua me-

lhor essência não seria a panacea de resolução dos problemas que a perda de poder de compra das famílias está a trazer. Deveria ser complementada 1) com efeitos imediatos por baixa das taxas de IRS, acompanhado por corte de despesas do Estado para garantir contas equilibradas, bem como fomentar mais concorrência empresarial; e 2) com efeitos de médio prazo (mas que devem ser implementadas o quanto antes), uma série de medidas que aumentem a produtividade da nossa economia (que praticamente estagnou há 20 anos, sendo a causa da extrema vulnerabilidade das famílias ao que está a acontecer).